

SUPLEMENTO
HUMORISTICO DE

O SECULO



Dirêtor: ACACIO DE PAIVA

Propriedade de J. DASILVA GRACA, Limit.*

Ed tor : ALEXANDRE AUGUSTO CERTÃ

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS — RUA DO SECULO, 43 — LISBOA

PROPRIEDADES GAZOSAS



Um a quem o gaz não ilumina.

PALESTRA AMENA

D. Bazilio Alpoim

Dois ou tres jornaes esganiçam-se em protestos, que fazem em nome dos imortaes principios, porque o famoso sr. Alpoim foi coagido a deixar de distilar peçonha nas colunas do jornal onde diariamente fazia o seu jogo de porta—a porta da minha mãe que o meu pai é poícia.

Invocar os imortaes principios em favor do sr. Alpoim, que diz ser um liberalão dos quatro costados, estaria bem, mesmo muito bem, se fôsem invocaveis principios, imortaes ou mortaes, a favor de uma pessoa para quem os principios são coisa nenhuma, ou, melhor dizendo, que de tempos a tempos muda de principios com aquela facilidade com que muda de camisa.

Não somos crianças, mas tambem não somos velhos rélhos a cair de velhice. No entanto, lembramo-nos bem do passado politico do sr. Alpoim, criatura destinada a uma ação nefasta seja qual fôr o meio em que se encontre. A sua defeção facil, a sua felonía facilíma, tem-lhe criado uma situação unica entre nós. O sr. Alpoim é detestado pelos republicanos e verdadeiramente odiado pelos monarchicos.

Pois bem! O sr. Alpoim, que é muito inteligente, vê isto, sente isto, palpa isto, e... não resolve remeter-se ao silencio, viver no seu canto, tranquilo, n'aquele esquecimento porque a todo o momento suspira, porque a todo o momento grita, ao passo que vai fazendo tudo quanto pode para se fazer lembrado...

Não se pode ter dó do sr. Alpoim, que o não mereceria... mesmo que o merecesse. O sr. Alpoim é um homem bem colocado na vida. Come dos cofres publicos, come da companhia do Niassa, come do Gaz. O seu Janeiro dá-lhe, tambem, uma succulenta fatia de roast-beef. Não sabemos se come mais. E' provavel. Mas quando coma só isto... já não fica em fraqueza.

Ora uma pessoa assim bem comida e que a cada passo grita que nada quer da politica, nem dos politicos, nem dos partidos; que só quer que o deixem, que o esqueçam, pode muito bem realisar o seu sonho dourado, não se importando com a politica, com os politicos, com os partidos, deixando e esquecendo os outros.

Mas o sr. Alpoim que quer gosar o esquecimento dos outros, reivindica para si o direito de não os esquecer, e insiste no velho sestro, no vicio, melhor dizendo, de a todos atenazar, irritar, meter á bulha, insinuando com as maneiras mais melifluas e pelos processos mais jesuiticos quanta insidia lhe vem á cabeça para enxovalhar este, para malquistar aquele, para se vingar de aquel'outro.

E o mais antipatico é a maneira porque o faz. Só quem o lê assiduamente

pode bem avaliar. Por entre as linhas tortuosas da sua prosa bafienta e desarticulada silva uma vibora destilando peçonha. Se tivesse voz, o sr. Alpoim ainda podia fazer a sua fortuna cantando nas primeiras cenas liricas do mundo a parte de D. Bazilio no Barbeiro de Sevilha. E' completo. No genero, é o melhor.

O sr. Alpoim não canta e é pena. Mas parece destinado a dançar, o que não se compadece com o seu bojo fisico, mas a que talvez o obrigue o seu bojo moral.

João Ripanso.

Ignorancia

Escreve-nos um leitor da provincia perguntando se é verdade o que leu nos jornaes de, num recente passeio militar, realizado por forças de marinha, ir o comandante á frente, a cavallo.

Foi verdade, sim, senhor. De que se admira? De o oficial ir a cavallo?

Os officiaes de marinha podem e devem montar cavalos... marinhos.

Ora o ignorantão!

NARISES



Fala-se de grandes narises. Um dos presentes que tem um apendice nasal monstruoso, exclama:

—E que dirão os srs. do meu?

—Perdão, estamos falando de narises e não de presuntos.

Ai de nós!

Na sua revista financeira, um jornal de Lisboa refere-se largamente á liga para economias, feita em França, e preconisa igual maravilha em Portugal.

Não lhe vêmos furo.

Na prodigiosa França poderá realisar-se a idéa. Entre nós, não. Aqui as ligas nunca foram para economias, nem pode nunca pensar-se em fazer economias por meio de ligas.

As ligas, pelo contrario, importam sempre em esbanjamentos que encalam a gente para toda a vida.

Porque, se fosse só as ligas!...

Mas os sapatos? E as meias?

TRABALHINHO

Informação da Arcada:

«O sr. ministro do Trabalho, não foi hontem á sua secretaria.»

Ficou em casa a dar despacho pela direção geral do Descanço.

MARQUES



O nosso glorioso Marques, vindo ha dos Prazeres, onde fôra acompanhar um terro, disse subitamente a um amigo:

—Dava o que me pedissem para saber que sítio hei-de morrer.

—Porquê?

—Para nunca passar por lá!

Os amigos

Descobriu-se a maneira de evitar despesas ao Estado em coisas uteis: o serem feitas essas despesas por particulares, por amigos das respetivas coisas.

Assim, já tinhamos, para conservação do velho castelo de Leiria, a liga dos Amigos do Castelo; agora fundouse, para proteção dos animais do Jardim Zoologico, a liga dos Amigos do Jardim Zoologico, cujo numero vai aumentando de dia para dia, excedendo já o numero dos animais protegidos.

Esta ultima liga é que nos parece que poderia preencher melhor os seus fins se se especialisasse, isto é, se cada membro não figurasse como amigo de todos os bichos existentes no jardim. Não é justo, por exemplo, que uma pessoa que é amiga de gatos pague para sustento de cães ou de peçagaios, que uma dama amiga de macacos veja que a sua contribuição vai servir, afinal, para alimentação das focas, etc.

Propomos por isso—se é licito admitir que metamos o bedelho onde ninguém nos chamou—que a corporação se subdivida em corporaçõesinhas parciaes: os Amigos dos gatos; das gatinhas, dos leões e assim por diante. D'este modo cresceria certamente a lista e cada animal saberia a conta em que era tido, pelas simpatias que lhe manifestassem.

Novo dicionario



—Felicito-o sr. dr. por ter expungido do seu dicionario as palavras inconvenientes e obscenas.

—O' minha senhora!... Mas... V. Ex.ª procurou-as todas?

CONTOS PEQUENINOS

A ingenua

Era a Cacildinha, com os seus 17 anos feitos, a creança mais inocente da rua da Rosa, 235, 2.º andar. Fossem lá dizer-lhe que não tinha vindo de França n'uma condessinha, que não havia papões e outras patranhas semelhantes! Também os paes, o Silva da loja da rua da Barroca e a D. Gertrudes, todos se envaideciam com tanta ingenuidade. Chegavam a dizer ás visitas da casa que metessem o dedo na boca da Cacildinha para bem lhe avaliarem a candura, e a verdade é que não consta que dedo algum saísse ferido da experiencia.

Espalhou-se a fama de tal fenomeno por aquelas cercanias, chegando até á rua da Atalaia, onde tinha estabelecimento de moveis novos e usados o sr. Serafim, de 60 anos, de estado viuvo pela terceira vez e com muito medo de casar mais uma porque tinha sido infelicissimo com as suas tres metades. A fama, porém, d'aquella pureza, não muito longe da sua porta, levou-o a procurar o Silva, com quem tinha relações antigas, e a propôr-lhe a introdução d'ele, Serafim, na familia da Cacildinha, na qualidade de esposo d'esta.

Logo foi consultada a candida menina, que de principio manifestou susto. Mas perguntando á mãe em que consistia o casamento, quaes as consequências d'este ato e perdido o receio de aggressão de maior vulto, á vista da respeitabilidade do noivo, que lhe assegurou que era incapaz de lhe fazer mal algum, acedeu.

Foram simples as ceremonias na repartição do registro civil e na igreja, patenteando a noiva a cada momento a sua deliciosa simplicidade. Nas respostas ao official e ao padre chegou a roçar pela parvoice, com grande alegria dos paes por tão esmerada educação, e do noivo, porque finalmente acertára com uma mulher de pureza incontestavel.

Terminadas as formalidades legais e religiosas, os noivos dirigiram-se para casa no mesmo trem e como o Serafim, encantado, enlaçasse a Cacildinha pela cintura, esta suplicou-lhe:

—Deixe-me, sr. Serafim, porque me sinto muito incomodada do estomago.

—Do estomago, querida esposa? Isso ha de ser fraqueza, por não ter almoçado ainda.

—Não é, sr. Serafim. E' por ter casado. Sinto enjões, vomitos...

—Que será?

Ela, de olhar no chão, balbuciando tímida:

—Pois não percebe? E' que estou grávida...

A gargalhada do Serafim foi homérica—sabe-se que Homero ria desabaladamente—e as dos paes da noiva não o foram menos, quando o genro lhes contou o caso, ao apaar-se do trem.

E o que a todos depois causou espanto foi que a Cacildinha tinha razão, conforme o provou tres mezes depois, dando á luz um robusto menino, milagre que nunca ninguem foi capaz de explicar satisfatoriamente, a não ser, talvez, o moço do talho fronteiro á rua da Rosa, 235

Justus.

Balanco

Vêmos nas gazetas que o nosso Antonio Cabreira está dando, na sua Academia um balanço mental.

Camaradas, que grande saldo de teias de aranha!

EM FOCO



(Augusto Santa Rita)

Não conheço o poeta Santa Rita, Nunca falei, que eu saiba, a tal sujeito; Sou por isso muitissimo insuspeito No que sobre os seus versos eu emita.

Li os poemas; obra bem bonita, Bela na forma, rica no conceito, E mais são d'uma escola que eu engeito Visto que é, pelo menos, exquisita.

E' na escola do «Orfen» que se filia, Mas a lira de arame ferrugento Que arranhava o bom senso a quem ouvia

Qual se ouvisse ornear algum jumento, E' com este um milagre de harmonia, Tanto o poder da arte e do talento

BELMIRO

Desvia!

Informa um correspondente da Colvilhã constar-lhe que o subsidio que estava destinado para a estrada das Pedras Lavradas, de cinco contos, já foi desviado.

Lavrou dois tentos, quem o desviou. Desvia!

Um pequeno erro

Num jornal lêmos esta epigrafe de um telegrama da guerra:

Os austriacos evacuum no vale de Dniester

Não foi *no vale* foi *o vale*.

Mas, mesmo que fosse *no vale*, a coisa explicava-se. Com os sustos que eles teem apanhado não admirava nada.

NA FARMACIA



—Deite-me n'esse frasco seis vintens de oleo de figado de bacalhau. Mas basta a terça parte, porque é para mim.

PESSOAS E RUAS

A bisbilhotice da nossa imprensa, que não respeita a modestia de ninguém, depois de revelar á humanidade extatica que o poeta João Maria Sevilha é socio da Real Academia Galega, da Arcadia de Roma e do Instituto de Coimbra, mais provou, publicando um bilhete de visita, que o mesmo cidadão mora na rua dos Lusíadas, ao Calvario.

Mas que tem isso? perguntamos nós ao jornal que cometeu a indiscrição Primeiro, cada qual pode morar onde muito bem quizer; segundo, nada mais natural do que um poeta morar na rua dos Lusíadas, finalmente, onde queriam os senhores que fôsse a rua dos Lusíadas, senão no Calvario?

E já agora, o facto sugere-nos uma d'estas luminosas idéas que amiude nos atravessam o cerebro, e vem a ser, para evitar confusões, que as pessoas morem nas ruas de denominação mais apropriada ás suas qualidades e mais partes.

Assim teremos que o Henrique de Vasconcelos e o Gouveia Pinto iriam habitar para a rua das Pretas; os drs. Afonso Costa e Antonio José Almeida, para a rua dos Bemcasados; o dr. Brito Camacho, para a rua dos Vinagres; o Antonio Cabreira, para o beco do Imaginario; O André Brun, para o Largo da Graça; o Faustino da Fonseca, para a rua da Procissão; o José de Alpoim, para a rua da Inveja, etc.

O filho do Marques

Quem é um rapazinho muito inteligente é o filho do Marques. Tem 16 anos apenas, mas já anda no primeiro ano do liceu, no qual se matriculou aos 10 anos e tem sido ali o assombro dos professores, a ponto de se resolverem, ao que consta, a nunca o deixar passar para o segundo.

Pois é verdade. Como prova do talento do filho do Marques, contou-nos esta o lente que lhe ensina principios de quimica.

—O menino tem ouvido falar em hulha branca, perguntou-lhe ele.

—Tenho, sim, senhor.

—Bem. A hulha negra é carvão de pedra, não é?

—E' sim, senhor.

—E a hulha branca?

O pequeno, com um raio de genio nos olhitos vivissimos:

—A hulha branca é a cal, senhor professor.

Menino mais esperto!

CRONICA

—O' papá, que quer dizer cronica?

—O que sucede, o que passa...

—Mas então como é que a tosse da avó é cronica e não passa?



O MISTERIO DAS LAMPADAS

(1.º Episodio da 7.ª parte do PÉ FATAL)



1. Farto de aventuras em França, o Manecas regressa a Lisboa e logo um chefe de policia, conhecedor da fama do *detective*, o chamou para lhe comunicar um caso bicudo.



2. Trata-se d'um desaparecimento misterioso de lampadas electricas. Logo Manecas se dirige a um deposito das ditas e all fixa na parede o seu ultimo invento: a maquina auto-fotografica e sae.



3. A's horas mortas da noite, que d'antes eram as horas mortas do dia, aparece no deposito um vulto que, por trazer mascara na cara, parecia mascarado.



4. No dia seguinte Manecas revela a chapa e vê que se trata d'um homem gordo. Quem será? O Chabi, o Estevão, o Alpoim, o Chico Redondo?



5. Disfarça-se tambem, como o Quim, e vão para o Aterro, para junto da fabrica do Gaz, onde o Quim fica de sentinela.



6. Em seguida Manecas, com o seu penultimo invento — a bengala-holofote — põe-se a examinar o chão e descobre pégadas. Conhece aquele pé...



7. Fotografra as impressões digitais das pégadas e procura no arquivo o retrato da pessoa a quem elas correspondem, pelo seu celebre metodo digito-fisionomico.



8. E descobre com assombro que se trata, afinal, do bandido Calaveras, o qual pelos modos não tinha fallecido!